

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO*

Roosevelt M. S. CASSORLA**

Vou tentar, nos poucos minutos de que disponho, levantar alguns pontos sobre a formação do profissional de Saúde Mental que atua em clínica, incluindo o psicólogo clínico, isto é, aquele indivíduo que vai lidar com o sofrimento mental na comunidade, nos centros de saúde, nos ambulatórios, nos hospitais psiquiátricos ou em unidades variadas dos hospitais gerais, e alguns, em consultórios particulares. Penso que algumas das considerações que vou procurar expor valem para a formação do psicólogo em geral, e também para outros profissionais, mesmo de fora de nossa área. Evidentemente, muitos pontos ficarão de fora, mas espero que surjam no debate.

A primeira questão refere-se ao que se entende por **FORMAÇÃO**. Penso que comumente ela é confundida com **INFORMAÇÃO**, o que leva a essa balbúrdia de currículos, principalmente em psicologia, com discussões e reuniões sem fim em que se procura "resolver" o problema da má "formação" alterando-se conteúdos programáticos. E, isso vai ocorrendo ano após ano. Ao definirem-se os objetivos e os programas de cada disciplina, raramente se encontra acordo em relação ao objetivo primordial: que tipo de psicólogo a escola quer formar? (Quando isso é discutido...).

Não vou entrar nesse tema, exaustivo e que, de minha experiência raramente leva alguma coisa mais produ-

(*) Trabalho apresentado na Sessão Coordenada "A formação do psicólogo" - VI Encontro de Psicologia da Região de Campinas - junho de 1990.

(**) Professor do Departamento de psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da UNICAMP. Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. Paulo.

tiva. Principalmente porque considero que FORMAR alguém é um processo extremamente complexo, em que conteúdos curriculares passam a ser secundários, se bem que absolutamente não dispensáveis. Um exemplo contreto, familiar a todos vocês: o professor vomita os conteúdos, o aluno os regurgita em provas e os esquece imediatamente - trata-se apenas de um ritual, em que sendo "aprovado" nas várias disciplinas (e como é difícil não o ser...), o estudante vai terminar recebendo seu diploma e a autorização de fazer o que bem entender em sua complexa área...

A verdade é que em nosso país as escolas (e aqui vou além da psicologia) estão ADESTRANDO estudantes, quase sempre em técnicas que não podem ser pensadas e menos ainda criticadas, na medida em que o aluno não é FORMADO para pensar e lidar criticamente com o conhecimento e seu lugar na sociedade.

O termo ADESTRAR, não por acaso, é também utilizado para treinamento de animais, que não pensam... Não será pouco provável que profissionais assim tratados "tratem" seus clientes do mesmo modo.

Como FORMAR alguém? Esse processo somente ocorre através de processo de identificação, e, aqui entra o fator inconsciente. Repito, o que eu prego, de minha experiência, é que mais importantes que os conteúdos curriculares são as identificações com figuras chaves. Evidentemente, o processo inicia-se com a identificação com os pais e ambiente familiar - é aqui que se assentarão as demais identificações. Infelizmente, para a grande maioria dos seres humanos, essas identificações, por melhores que sejam, não os tornam imunes a que outras, más, nos influenciem, sem que possamos discriminá-los. Muitos de nós, inclusive, escolhemos a área de Saúde Mental para conhecermo-nos melhor, tratarmo-nos, descobrir algo mais sobre nosso funcionamento mental. Na grande maioria das vezes isso é inconsciente. O resultado ideal é que o profissional realmente possa conhecer-se melhor e assim ajudar os seus pacientes. Só quem viveu e pôde elaborar o seu próprio sofrimento mental será capaz disso.

No entanto, muitos não terão essa sorte. E, aqui entra, em minha opinião, o mais importante, em qualquer grau

do processo de ensino-aprendizagem, no nível superior, nos cursos de graduação, especialização, pós-graduação, ou mesmo cursos paralelos fora das instituições oficiais. É a possibilidade de identificar-se com boas figuras - e estas figuras serão **primordialmente os professores e a instituição, ou melhor ainda, a atmosfera ou ideologia subjacente a ela.** Mesmo que ela não o saiba sempre existe, sub-liminar, e é passada ao estudante.

Antes de continuar: estou desafiando, a nós todos, é que, ao contrário de um psicólogo ACRÍTICO, ADESTRADO, cheio de receitas e técnicas que ele nunca teve a possibilidade de pensar de forma crítica, tenhamos um psicólogo capaz de **PENSAR CRITICAMENTE E LIVREMENTE** sobre seu papel como ser humano, como profissional e sua inserção na cultura e sociedade. Na minha experiência isso ocorre com alguns, mas isso é menos comum do que eu gostaria. É muito freqüente encontrarmos profissionais despreparados, que pensam que conhecem uma determinada "técnica" dita psicoterápica, que aplicam indiscriminadamente, sem qualquer noção crítica. Pior, acham que a sua técnica é a única correta - as demais estão erradas ou ultrapassadas.

Como se chega a tal grau de deturpação? Penso que há vários fatores, que têm a ver com a identificação. Nossos estudantes são adolescentes, a maioria vindo do pior que existe na "educação" pré-universitária, e convivendo numa cultura em que o esforço, o estudo, a ética, é só para os trouxas. Vivemos na cultura do "levar vantagem em tudo", do espertalhão admirado e invejado. Esta cultura se reproduz nas universidades, oficiais, particulares ou confessionais.

Ao mesmo tempo esse adolescente está ávido de figuras de identificação, pois percebe, na riquíssima percepção dessa fase de sua vida, que tem que decidir-se por dois caminhos: contrariar e questionar esse mundo falso, hipócrita (e, felizmente muitos o fazem, e é daí que advêm as mudanças) - ou, adaptar-se ao "status quo". Essa escolha vai depender, e muito, da identificação com seus mestres, a instituição e a sub-cultura predominante dos profissionais. Uma instituição em que nada é levado a sério, que visa o lucro, em que os professores estão descomprometidos e apenas

cumprem horários de má vontade, alienados de si e do mundo, que ganham mal (o que não justifica, evidentemente a alienação), que falam mal uns dos outros para os alunos, em que a ética inexistente, etc. é altamente suscetível de FORMAR (e aqui é formar mesmo...) indivíduos alienados, identificados com tudo isso. Infelizmente está é a realidade de grande parte de nossas escolas, superiores ou não, e em todas as áreas.

Mas, aqui nos defrontamos com um problema da mais alta gravidade. O profissional de Saúde Mental deve ter uma característica que não é indispensável a muitos outros profissionais. Pouco me importa se meu ortopedista é alienado, acrítico, quem sabe até pouco ético, se ele estiver bem adestrado e conseguir juntar meus ossos fraturados num pronto-socorro, se eu for atropelado. O mesmo diria de um dentista que soubesse drenar um abscesso ou de um engenheiro que calcule direitinho a estrutura dos suportes de uma ponte. Enfim, se bem adestrados, podem até possuir essas limitações, não terem quase capacidade de pensar, que os prejuízos não serão grandes. (É evidente que preferiria um ortopedista que pudesse enxergar que o novo gesso, mais caro, está sendo adotado por um provável conluio entre o governo e alguma multinacional, por exemplo; que se preocupasse com o índice de infecção hospitalar e percebesse que se deve, em grande parte ao descaso com que a saúde é tratada em nosso meio, e que seus neurônios pudessem relacionar as más condições das estradas, as compras de cartas de motorista, a insegurança de nossos automóveis, o precário atendimento das emergências, etc. ao fato de receber milhares de acidentados, muitos chegando já mortos. E, que denunciasses tudo isso, usando seu conhecimento técnico politicamente.)

Mas, com o profissional de Saúde Mental **tem** que ser diferente. Ele vai lidar com aquilo que é o mais rico e característico do ser humano - sua mente, sua alma, a psychè. O psicólogo é o estudioso da alma (ou deveria ser - senão se transforma em fisiólogo), e o psicólogo clínico vai tratar e prevenir agravos a essa função tão delicada. Por isso, ousou exigir, que neste caso a ÉTICA e o RESPEITO pelo ser humano sejam primordiais. Somos os descendentes diretos dos xamãs e feiticeiros e temos um poder enorme em nossas mãos. E

esse poder não pode ser entregue a quem não saiba fazer um bom uso dele. Não estou me referindo a exceções: torturadores, pessoas que fazem "lavagens cerebrais" ou modificam comportamentos que questionam o "status quo". Mas, à grande parte de profissionais que, inocentemente ou perversamente, fazem mau uso desse poder.

O psicólogo só terá as qualidades descritas acima, indispensáveis, se ele tiver figuras de identificação CRÍTICAS, HONESTAS, SÁBIAS e ÉTICAS. Se ele tiver essa sorte, os conteúdos pragmáticos serão aproveitados, quaisquer que sejam (ou criticados), e o profissional estará sempre apto a se reciclar, porque estudar, pesquisar, esforçar-se para aperfeiçoar-se cada vez mais como pessoa e em sua atividade, será uma conseqüência óbvia.

Bem, e essas figuras de identificação existem? Sim existem. Mas, infelizmente, existem também (e suspeito que em número muito maior) as más figuras de identificação. E, aqui quero aproveitar para fazer uma denúncia, extremamente grave: o poder do psicólogo clínico sobre seu cliente, em sofrimento mental, que precisa desesperadamente de ajuda e não tem capacidade de discriminar o que é bom, mau, certo ou errado, se assemelha ao poder que certos professores, personalidades com estruturas doentias, beirando a psicoterapia ou a psicose inaparente, têm sobre seus jovens alunos, também sofrendo, ávidos de receitas e identificações, e sem capacidade discriminatória.

São os "gurus", que criam ou adotam uma técnica dita psicoterápica, e manipulam desenfreadamente os estudantes. Geralmente se constituem em figuras carismáticas, no mau sentido: são simpáticas, acolhedores e convencem com seu sorriso fácil que são as donas da verdade. O primeiro trabalho é minar o trabalho dos outros professores, de outras linhas de psicoterapia, principalmente as sérias. Isso é feito subliminarmente. Como todo psicopata, esse tipo de professor capta as necessidades emocionais de seus seguidores, e se aproveita disso. O próximo passo é apresentar a sua técnica, a sua receita, que é um verdadeiro "achado": é simples, fácil, não é preciso estudar. Basta ter fé. E, vamos encontrar adolescentes seguros, identificados com a certeza de seu guru, que

antes estavam perdidos, necessitando desesperadamente de carinho e receitas fáceis, e que passaram por uma lavagem cerebral. Essas receitas, por vezes, são apresentadas como inovadoras, questionando e desprezando tudo o que a ciência conseguiu a duras penas, em décadas de investigação. Isso agrada o jovem, pois facilita expor seu aspecto questionador. Com um professor DEUS, uma técnica DIVINA, o jovem psicólogo se tornará também um DEUS, onisciente, onipotente e onipresente. Este terceiro item pode parecer absurdo, mas logo darei um exemplo.

Evidentemente, o mesmo ocorre com jovens do ponto de vista ideológico, religioso, do uso de drogas, etc. - a manipulação fácil por adultos psicopatas (v. a juventude comunista, a juventude nazista, o CCC, a TFP, a seita Moon, a "Revolução Cultural" chinesa, a indução ao uso de drogas, etc.). Tudo isso, por vezes se mistura, nas chamadas "técnicas psicoterápicas", onde "ciência", "religião" e "ideologia" se misturam, num saco de gatos, acrítico, onde todos chegaram à VERDADE. E, o objetivo é fazer os pacientes também "usufruírem" dela. Alguns são facilmente manipuláveis e sua doença é alimentada numa dependência patológica do guru Deus "psicoterapeuta". Outras descompensam, e, às custas de muito sofrimento, procuram um profissional sério. Mas, a pressão grupal é imensa - abandonar a "seita" só é possível para quem tem ego muito forte, e não é o caso da maioria dos pacientes (e alunos). Ou, quando psicotizam manifestamente, os parentes os obrigam a procurar outro profissional. Alguns não suportam e se suicidam. TUDO ISSO É UM CRIME.

Não preciso dar exemplos. Vocês devem ter se lembrado de muitos. Um dos mais famosos foi a malfadada Trilogia Analítica do auto-intitulado psicólogo Keppe, que formou até um grupo em Campinas, e desgraçou dezenas de colegas inexperientes que o seguiam como a um Deus, e milhares de pacientes. Temos a terapia das vidas passadas, a lambdatapia, e tantas outras mais. Alguns, talvez mais espertos, utilizam nomenclaturas de teorias com bases sólidas. Uma das maiores vítimas é a psicanálise, já que qualquer indivíduo inescrupuloso pode auto-intitular-se psicanalista. Mas, o que se faz nada tem de psicanálise. Em resumo, o esquema é o seguinte: primeiro se faz a atração do estudante, futura vítima;

a seguir, se lhe oferece "terapia" com o guru, em seu consultório ou instituição - raramente faltam contatos corporais e sexualização. A possibilidade de simbolização é, dessa forma ainda mais reprimida, pois pode levar a capacidade, extremamente perigosa, da vítima pensar... Finalmente, os discípulos do guru se tornam propagadores da nova seita. As demais técnicas, teorias ou profissionais que não rezam pela mesma cartilha são ridicularizados, seguindo-se o princípio do "não li, mas está errado", porque a VERDADE já foi revelada.

Tudo isto ocorre em outras áreas, ligadas ao misticismo e a fé. Mas, aqui, geralmente o guru respeita mais seus "concorrentes" e, principalmente, não se intitula psicólogo...

Como eu sou psicanalista quero, para terminar, deter-me em atitudes não éticas destes, ou que assim se intitulam. É uma tarefa mais fácil, já que a psicanálise está em vias de completar seu centenário, e a experiência já adquirida nesses anos não deixa margem a dúvidas, em relação a pontos básicos. Assim, é imoral intitular-se psicanalista sem o ser (se os CRPs nada podem fazer contra isso): é necessário formar-se baseado no tripé análise pessoal - supervisões - estudo teórico. Não creio que um bom psicanalista não possa ser formado fora das instituições tradicionais, mas penso que elas devem ser respeitadas (e questionadas, como tudo deve ser...). Mas, não posso conceber que "psicanalistas" exerçam a "profissão" sem nunca terem feito análise pessoal. Aqui em Campinas isso não só ocorre, como temos alguns que "lecionam" psicanálise em Faculdades de Psicologia.

A má interpretação de frases de Lacan, modificadas depois pela sua prática, condicionou a formação de grupos lacanianos, de pouca seriedade, coordenados por um guru, em que ninguém ousa discutir seu evangelho, deturpação do que seu Deus Lacan disse. Como a "religião" só admite uma VERDADE, contei em Campinas pelo menos sete grupos desse tipo, em que os membros de um grupo são inimigos fegadais dos outros. Evidentemente, estimulados por seus gurus. Certamente, existe gente séria aqui, mas a ânsia pelo poder comumente leva às dissidências, que nada têm de controvérsias científicas (que poderiam conviver se houvesse espírito científico).

O mesmo pode ocorrer em grupos de outras linhas, e, ocorrem em Campinas. Nesses grupos são comuns atos anti-éticos tais como "analisar" alunos, enquanto alunos. Fazer "análise", "supervisão" e "estudo teórico" com os alunos e pacientes, ao mesmo tempo, pelo mesmo e único guru iluminado, etc. Geralmente esses "psicanalistas", além de deformarem tudo o que a psicanálise descobriu a duras penas, desprezam as instituições sérias. E, a pressão grupal, impede que os estudantes tenham a ousadia de procurarem um psicanalista bem formado, ou uma supervisão fora do grupo-seita.

O que citei em relação a essa "psicanálise", vai ocorrer em grau muito maior com outras "teorias" e técnicas", com nenhuma base científica, e que passam rapidamente, como modismos.

Poderia continuar descrevendo muitas outras situações, mas receio que o tempo de que dispunha já deve estar esgotado. Apenas pelo insólito muitos de vocês conhecem profissionais que se auto-intitulam especialistas em várias áreas ao mesmo tempo. Aqui está o Deus onipresente: na sala um temos um casal, na sala dois um autista, na sala três um oligofrênico, etc. Aí o Deus terapeuta entra na sala um, "dá" uma divina interpretação, pede ao casal que pense naquilo, e se dirige à sala dois. Lá faz o mesmo. E, assim por diante. Sua psicopatia atrai legiões de alunos que fazem com ele "terapia", "supervisão" e "grupo de estudo". E, isso ocorre, evidentemente, também por falhas das Faculdades, que deixam os alunos ao Deus-dará (que expressão adequada...!). À pergunta porque esse tipo de profissional tem clientela responderia sem vacilar: ao efeito placebo, à resistência do paciente e do estudante em entrar em contato com conteúdos mais profundos, e à identificação projetiva de aspectos idealizados no "terapeuta". Muitos controlam ali sua patologia. Os mais graves descompensam e é dessa forma que esses Deuses são identificados pelos demais profissionais. Resolvi expor esta situação porque nunca imaginaria que isto pudesse acontecer em qualquer lugar do mundo... E, ocorre em Campinas...

Quero levantar três pontos para discussão, o que não impede que os colegas levantem outros:

1) como identificar e denunciar esses criminosos, como arranjar provas contra eles? Como alertar as Universidades para o prejuízo que causam? Haveria maneiras dos vários conselhos profissionais poderem agir frente a esses fatos, de uma forma mais contundente.

2) Como diferenciar, cientificamente, o que é prejudicial e o que é realmente inovador? Como discriminar e não impedir o novo, ético, devido às resistências a mudanças?

3) que mais podemos fazer para transformar adolescentes ávidos de saber e de boas figuras de identificação, em seres humanos e éticos, numa sociedade e com instituições tão corrompidas como as nossas?

Estes são também problemas de SAÚDE MENTAL.